
ESTUDO TEÓRICO

Psiquismo fetal: um olhar psicanalítico

Fetal psyche: a psychoanalytic look

Elisa Cardoso Azevedo^{(a)*}, Mariana Calessio Moreira^(b)

Resumo: Este trabalho teve por objetivo realizar um estudo sobre o psiquismo fetal priorizando o olhar e o entendimento psicanalítico. O tema foi escolhido por tratar-se de uma temática atual, relevante e essencial já que nos proporciona um conhecimento das interações do feto com o meio intra e extra uterino, a influência materna no desenvolvimento físico e emocional do feto, a existência de uma continuidade entre a vida intra e extra uterina, no que diz respeito às características de personalidade do feto e também, nos faz refletir sobre o caráter preventivo do estudo do psiquismo fetal e a importância da intervenção precoce. Além disso, constatou-se que o estudo do psiquismo do feto realizado de maneira sistemática e científica é recente. Percebe-se que ocorre uma carência de produção científica sobre o tema e em função disso, há necessidade de desenvolvimento de estudos realizados por psicólogos, divulgando assim o seu entendimento acerca do tema. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre psiquismo fetal em artigos atuais e livros clássicos de Psicanálise.

Palavras-chave: Psiquismo; Fetal; Pré-Natal; Psicanálise

Abstract: This study aimed to conduct a study on the fetal psyche prioritizing the look and psychoanalytic understanding. The theme was chosen because it is a current topic, relevant and essential as it gives us an understanding of the interactions with the environment of the fetus intra and extra-uterine, the maternal influence in the physical and emotional development of the fetus, the existence of a continuity between life inside and outside the womb, with regard to personality traits of the fetus and also makes us reflect on the preventive character of the study of fetal psyche and the importance of early intervention. Furthermore, it was found that the study of the psyche of the fetus conducted in a systematic and scientific way is recent. It is observed that there is a lack of scientific literature on the subject and as a result, there is need for development of studies by psychologists, thereby disclosing their understanding of the topic. For this purpose, we performed a literature review on fetal psyche, current articles and classic books on psychoanalysis.

Keywords: Psyche; Fetal; Prenatal; Psychoanalysis

a Psicóloga; Especialista em Psicologia Hospitalar.
*E-mail: lielisa@gmail.com

b Psicóloga; Doutora em Psicopatologia da Infância, Adolescência e Idade Adulta (UAB/Espanha); Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA).

O objetivo principal desta pesquisa foi realizar um estudo sobre o psiquismo fetal priorizando o olhar e o entendimento psicanalítico. O tema foi escolhido pela escassez de produção científica sobre o assunto, já que se trata de uma temática atual, relevante e essencial, além de ser um assunto polêmico e inovador que ainda causa estranhamento e dúvidas.

O estudo ainda visa focar nas interações do feto com o meio intra e extrauterino, na influência materna no desenvolvimento físico e emocional do feto, na existência de uma continuidade entre a vida intra e extrauterina, no que diz respeito às características de personalidade do feto e também, nos faz refletir sobre o caráter preventivo do estudo do psiquismo fetal e a importância da intervenção precoce. Em função da escassez de pesquisas, percebeu-se a necessidade de desenvolvimento de estudos realizados por psicólogos, divulgando assim o seu entendimento acerca do tema. Para tanto, a metodologia utilizada foi uma revisão bibliográfica sobre psiquismo fetal em artigos atuais e livros clássicos de Psicanálise. As autoras ainda optaram por dividir a fundamentação teórica estudada em tópicos a fim de melhor nortear a leitura do artigo.

Estudos sobre a vida intrauterina: principais reflexões ao longo da história

O estudo do psiquismo fetal realizado de maneira sistemática e científica é recente. Entretanto, o estudo do feto e o de sua psique, foi marcado ao longo do tempo por diferentes abordagens e teorias, incluindo ideias supersticiosas, expectativas e preconceitos do imaginário social acerca da grávida e de seu bebê, influenciando discussões morais, religiosas e legais (Quayle, 2011).

No passado, grande parte do conhecimento disponível baseava-se na resposta do feto a estímulos externos e dependia da percepção de sua movimentação pela gestante e pelo obstetra, em sua prática clínica. Além disso, o conhecimento também se baseava muito em especulações e observações feitas em fetos abortados. Foi somente com o avanço das técnicas de diagnóstico pré-natal, principalmente da ultrassonografia na década de 70, que se pôde ter acesso direto ao feto, possibilitando estudos sistemáticos e precisos de seu comportamento no meio intrauterino (Quayle, 2011).

A partir das primeiras descrições dos movimentos fetais pelo ultrassom, vários aspectos do comportamento fetal passaram a ser melhor observados e analisados. De acordo com Piontelli (1995), aparentemente acreditava-se que tudo o que acontecia no período pré-natal associava-se a experiências agradáveis de

calor, aconchego, penumbra, silêncio, proteção e prazer. Além disso, a vida fetal em função de sua natureza abrigada era considerada como um mundo à parte, como se a vida realmente só começasse no ato do nascimento ou ainda depois.

Percebeu-se então que, contrariando as crenças até então aceitas, o feto não é um ser passivo que se desenvolve em absoluto isolamento e silêncio, mas sim que ele interage com o meio intra e extrauterino através de seus movimentos, reagindo a sons provindos do corpo da mãe e do meio externo. Piontelli (1995) afirma que o ambiente no útero não é estático ou homogêneo, ao contrário, ele muda continuamente durante a gestação e cada feto habita um ambiente único, sujeito a diferentes e singulares experiências e estimulações. Assim, de acordo com Gomes e Piccinini (2005), a ultrassonografia inaugurou uma nova forma de contato com o universo intrauterino e o uso dessa tecnologia beneficiou o estudo do psiquismo fetal, pois através dos movimentos e das reações fetais tem sido possível conhecer importantes informações a respeito das funções sensoriais e das altas funções do cérebro do feto e também já é identificar traços iniciais de personalidade, prevendo futuros comportamentos do bebê. Sobre isso Souza-Dias (1996, p.40) complementa referindo que “toda especulação sobre fetos e gestantes, que tem surgido através da história e da evolução do pensamento, tem levado à evidência de psiquismo no feto. Isto nos faz pensar que possuímos a pré-concepção da existência desse fato, que vem se manifestando e desenvolvendo através dos tempos, desde os pensamentos supersticiosos até a ciência interpretativa e intuitiva, que tem sido comprovada pela ciência experimental através da ultrassonografia”.

Atualmente entende-se que o feto é possuidor de sensações, percepções, sensibilidade e traços rudimentares de personalidade, e que fatos ocorridos antes do nascimento influenciam no desenvolvimento bioevolutivo e psicoafetivo do indivíduo. Para Zenidarcy (2010) e Wilhelm (1997), mesmo intra-útero, o feto manifesta seus sentimentos de prazer, desprazer, tristeza, alegria, angústia, bem-estar, agrado e desagrado por meio de seu comportamento e de sua movimentação. Piontelli (1995) explica que é basicamente através de manifestações somáticas do feto que se pode inferir um funcionamento mental, uma vez que os movimentos fetais representam um meio de comunicação com o ambiente.

Geralmente, é com os primeiros movimentos fetais que ocorre a atribuição das características pessoais e de personalidade do feto. Acredita-se que as primeiras relações do bebê com o ambiente já se iniciam durante a gestação, através das expectativas parentais sobre o feto e das interações estabelecidas

com ele. É através dos movimentos que o feto se comunica com a mãe e esta vai nomear e interpretar tais movimentos dentro do seu universo, incluindo suas projeções e suas fantasias. As expectativas da mãe em relação ao futuro bebê originam-se de seu próprio mundo interno, de suas relações passadas e de suas necessidades conscientes e inconscientes relacionadas ao feto e a gestação. Estes investimentos iniciais são fundamentais para a futura relação pais-bebê e para estruturação da personalidade do indivíduo (Piccinini, Gomes, Moreira & Lopes, 2004; Prado et al., 2008).

Piontelli (1995) chama a atenção para a riqueza e a complexidade dos movimentos fetais mesmo nos estágios iniciais da gravidez. Além disso, a autora aponta para a individualidade dos movimentos de cada feto, que podem ser observados através de suas posturas e reações preferidas, mostrando já ser um indivíduo com preferências e até personalidade própria. De acordo com Piontelli (1995, pp.23-24), “quando o comportamento se repete em cada observação, vai-se adquirindo gradualmente a convicção de que o comportamento tem uma consistência e um significado que precisam ser entendidos. As hipóteses somente se tornam mais plausíveis quando podem ser verificadas com a repetição de observações no decorrer do tempo”.

Caron (2000) aponta que a partir da possibilidade de visualizar o feto através da ultrassonografia, a gestante concebe a gravidez como verdadeira e o seu filho como mais real. Com os dados concretos que o exame disponibiliza, a mãe pode ainda na gestação confrontar o bebê imaginário com o bebê real e é como se o encontro com o bebê fosse antecipado. Gomes e Piccinini (2005) explicam que, dessa forma, a ultrassonografia provoca uma intensa sobrecarga emocional devido a rapidez do encontro entre mãe-feto. A reação é tão intensa que conteúdos inconscientes que estavam latentes podem vir à tona. Os autores alertam que tal impacto é diferente para cada mulher e forma como ela irá manejar as expectativas e frustrações despertadas por tal encontro vão depender da sua história prévia, seus conflitos psíquicos, seu momento atual de vida e sua capacidade de elaboração.

Dessa forma, percebe-se que estudos relativos à vida intrauterina deixaram de ser somente orgânicos, para ampliar e utilizar também conceitos psicológicos. Wilhelm (2000) conceitua que a Psicologia pré-natal, também conhecida como Psiquismo fetal e Psicoembriologia, dedica-se ao estudo do comportamento, desenvolvimento evolutivo, psicoafetivo e emocional do ser humano no período anterior ao nascimento. Zenidarc (2010) aponta que a Psicoembriologia institui a fase umbilical como a primeira fase do desenvolvimento psicológico

do indivíduo, marcando esta como uma fase anterior a fase oral, que foi postulada por Freud como a primeira fase do desenvolvimento psíquico. Nesta perspectiva, o estudo do embrião e do feto quebra paradigmas tradicionais ao postular tais ideias.

A influência da Psicanálise nos estudos e pesquisas sobre o Psiquismo Fetal

Uma atenção especial é dada pela psicanálise que vem mostrando grande interesse no decorrer dos anos pela continuidade de funções da vida pré-natal à pós-natal. Sobre a importância dessa temática para a psicanálise, Wilhelm (2000, p.136) destaca: “se considerarmos que todos os fatos que ocorrem no período pré-natal recebem registro mnêmico; que esse registro se dá e fica guardado apenas no nível do inconsciente; que todas as vivências pelas quais passa o ser no período pré-natal irão fazer parte de sua bagagem inconsciente, exercendo influência tanto sobre a personalidade pós-natal como sobre sua conduta e seu comportamento; e sendo o inconsciente o objeto por excelência da Psicanálise, conclui-se que o estudo do psiquismo pré-natal é de importância fundamental para esse campo de conhecimento”. A autora ainda explica que quando se fala em Psicologia e Psiquismo pré-natal refere-se, por um lado, à existência de vida mental no feto, e por outro, à existência de registros de experiências pré-natais, tanto traumáticas como não traumáticas na mente do bebê, criança e/ou adulto.

A continuidade entre vida pré e pós-natal tem sido explorada e constatada, ao longo dos anos, nos trabalhos de diversos psicanalistas. Atualmente há um reconhecimento da existência de uma interação entre vida intra e pós-uterina, o que torna verdadeira e atual a frase de Freud: “Há uma continuidade muito maior entre a primeira infância e a vida intrauterina do que a impressionante cesura do ato do nascimento nos permite supor” (Freud, 1926/1976, p.162).

Freud (1900/1972) também menciona em “Interpretação dos Sonhos” à existência de fantasias relacionadas com a vida intrauterina e com o nascimento e a importância dos sonhos que evocam o nascimento. Contudo, apesar de Freud ter reconhecido a importância do período embrionário para a vida mental dos seres humanos, sua obra não faz menção mais detalhada à influência do período pré-natal. Rank (1961) enfatiza em seu trabalho, “O trauma do nascimento”, as experiências pré-natais e as do nascimento, postulando sobre a influência dessas experiências nas vivências posteriores. Considera as emoções associadas ao nascimento cruciais, sendo capazes de gerar

angústia e sofrimento na vida pós-natal.

Rascovsky (1977), psicanalista argentino de orientação kleiniana, discorre sobre a importância das experiências intrauterinas e apresenta a hipótese de um psiquismo arcaico no feto. Segundo este autor, tais experiências se configuram como suporte ao sistema defensivo, que as idealiza e às quais o sujeito pode regredir quando sua vivência psíquica atual é vivida como dolorosa ou intolerável. Assim, as experiências intrauterinas são idealizadas como sendo paradisíacas e o sujeito pode regredir a um estágio fetal diante de ansiedades insuportáveis. Contudo, para Souza-Dias (1996), se a vida intrauterina fosse tão paradisíaca não haveria necessidade de o feto desenvolver mecanismos defensivos. Rascovsky (1977) ainda inova ao postular sobre um Ego desde o momento da concepção chamado de Ego Fetal. Este se constitui em Ego Ideal, o que explica porque nas fantasias de retorno ao ventre o sujeito busca retornar ao estado ideal de seu Ego. O autor ainda acredita que o Ego reencontra seu estado de origem, o estado fetal, diariamente ao dormir e sonhar. Para ele, dormir representa uma regressão cotidiana às condições fetais e chama a atenção à posição fetal assumida por algumas pessoas ao dormir (Gastaud, 2008).

Bion (1992) também contribui para a temática do psiquismo fetal, o qual ele chama de *proto-psiquismo embrionário e fetal*. Compartilha, com outros autores, a ideia de que o feto é receptivo a estímulos internos provindo do corpo da mãe, do seu próprio corpo e do meio externo, e que responde a estes estímulos através de movimentos corporais. Acredita que as vivências da vida pré-natal deixam registros psíquicos que vão exercer influência na vida pós-natal. O autor ainda refere: “*não vejo razão para duvidar que o feto a termo tenha uma personalidade. Parece-me gratuito e sem sentido supor que o fato físico do nascimento seja algo que cria uma personalidade que antes não existia. É muito razoável supor que este feto, ou mesmo o embrião tenha uma mente que algum dia possa ser descrita como muito inteligente. (p.91)*”.

O trabalho da psicanalista italiana Alessandra Piontelli é considerado um dos pilares para a compreensão do psiquismo humano no período pré-natal, e seu trabalho reforçou que o feto é altamente singular. Para ela, cada feto apresenta uma maneira única de se comportar e de agir, dado que fica ainda mais evidente em gestações gemelares. Em seu estudo, a psicanalista constatou, a partir de suas minuciosas observações, que: os recém-nascidos continuam a apresentar as mesmas características individuais observadas intra-útero; que os padrões de conduta e de comportamento dos fetos aparecem muito cedo na vida intrauterina, tanto em gestações singulares, como nas

gemelares; nos gêmeos, cada um dos irmãos apresenta um padrão de comportamento próprio, singular e bem definido, e o padrão de interação entre eles aparece ainda intra-útero, com características próprias, que irão nortear os comportamentos na vida pós-natal. Para a autora, existe uma intencionalidade nos gestos e movimentos. Ela observou, ao acompanhar as crianças de seu estudo na vida pós-natal, que, particularmente os gêmeos, procuravam reproduzir passagens de sua vida pré-natal, o que a psicanalista acredita ser uma tentativa de comunicação, de reconstrução e de elaboração das vivências intra-útero (Piontelli, 1995; Quayle, 2011; Wilhelm, 2000).

Wilhelm (2000, p. 147) complementa as ideias de Piontelli dizendo “proponho-me a testemunhar mais um pouco sobre a existência de um mundo mental no feto e no recém nascido — rico, complexo e variado — cujos efeitos ressoam no espaço mental pós-natal e se manifestam como ecos de um passado distante, dando a este uma continuidade no presente embora por vezes de difícil decodificação”.

Wilhelm (1997) ainda afirma que é no período pré-natal que se inicia a capacidade de aprendizado do bebê. Ela explica que mesmo antes de nascer o bebê já é um ser inteligente e sensível. Para a autora, os padrões de conduta e de temperamento, as características individuais e as diferenças de personalidade são evidentes e marcantes desde o início do período gestacional, mantendo-se por toda a vida intrauterina e manifestando-se com as mesmas peculiaridades na vida pós-natal. Portanto, pode-se dizer que o feto tem uma personalidade bem definida na vida pré-natal e que após o nascimento continuará a desenvolver as mesmas características antes observadas. Ressalta ainda que na clínica, a psicanálise tem flagrado evidências de registros traumáticos pertencentes ao período pré-natal e ao nascimento e que traumas durante a vivência pré-natal podem resultar em futuras psicopatologias.

A influência materna e suas repercussões sobre o bebê intra-útero

Também no estudo da psicologia pré-natal, sempre foi de grande interesse a influência materna sob o desenvolvimento físico e emocional do feto. Tal influência atualmente é um fato comprovado e torna-se real a preocupação que emoções maternas destrutivas prejudiquem o feto. De acordo com Quayle (2011) e Zenidarcis (2010), uma mãe sob forte tensão emocional tende a apresentar alterações hormonais que ultrapassam a barreira placentária e ocasionam mudanças no equilíbrio psicofisiológico fetal. É pelo cordão umbilical

que surge a inter-relação física e emocional entre mãe e filho, portanto os primeiros contatos com o meio externo são através das reações emocionais da mãe, frente ao que ela pensa, sente e vivencia. Com isso, alterações neurais, hormonais e humorais da mãe, devido a alguma perturbação emocional, são levadas ao feto pelo cordão umbilical agindo diretamente no seu estado emocional, registrando assim marcas em seu psiquismo que serão decisivas na sua formação psicoemocional.

Sabe-se que os estresses vivenciados pela mãe podem ter conseqüências diretas sobre o feto. Segundo Souza-Dias (1996, p.116), "as investigações feitas através das observações ultrassonográficas mostram-nos que fator de importante interferência na vida fetal é o stress da gestante, poderoso estímulo desencadeante de sofrimento fetal. A sua intensidade e a sua duração, se crônico ou agudo, são fatores que marcam profundamente o feto e o predis põem a angústias já na vida pré-natal e que podem reaparecer na vida pós-natal".

Além disso, a disponibilidade afetiva da mãe é fundamental para que ocorra o desenvolvimento emocional do indivíduo e o desenvolvimento do vínculo afetivo da tríade mãe-bebê-pai. Os estados emocionais da gestante e a qualidade de sua relação com o parceiro exercem grande influência no feto. De acordo com Souza-Dias (1996) "o equilíbrio da relação mãe-feto depende da qualidade do vínculo que existe entre os pais" (p.107). O vínculo entre a tríade, que geralmente tem início ainda na gestação, é uma das vias de contato e de troca de afeto dos pais com o futuro bebê (Ramos, 2004; Wilhelm, 1997).

Ainda sobre a influência materna sob o desenvolvimento do feto, estudos comprovam que o feto é capaz de reconhecer a diferença entre a voz da mãe e a voz de uma desconhecida e, além disso, demonstra preferência pela voz da mãe frente à voz de outras pessoas. Tais ideias indicam que a capacidade auditiva se desenvolve ainda no útero, mais ou menos a partir do quarto mês, o que também contribui para o início da linguagem (De Casper & Fifer, 1980; De Casper & Spence, 1986).

Portanto, desde a sua primeira semana de vida, a criança é um ser existente. Não apenas um embrião ou feto que vai se tornar, passivamente, um bebê. Antes de vir ao mundo, este ser passa por sensações, aprendizados e experiências. Seu mundo interno começa a se constituir ainda intra-útero e o mundo externo terá grande influência no seu psiquismo na vida pós-natal.

Considerações Finais

O estudo do psiquismo fetal mostra-se hoje relevante e

essencial, e tem despertado grande interesse e curiosidade, já que o conhecimento mais detalhado do comportamento das capacidades do ser humano no período pré-natal nos leva a conhecer o rico desenvolvimento e as potencialidades do feto.

A partir desse trabalho, pôde-se compreender de que forma o feto interage com o meio intra e extrauterino, pôde-se conhecer a existência da continuidade das características de personalidade do feto na vida intra e pós-uterina, confirmou-se a importância da mãe no desenvolvimento físico e emocional do feto e abriu-se um caminho para o entendimento de psicopatologias. Tais constatações levam as autoras a entender que os objetivos inicialmente propostos foram alcançados.

Cabe destacar o caráter preventivo do estudo do psiquismo fetal e a importância da intervenção precoce. Visto que registros mnêmicos, guardados no inconsciente, exercem influência no psiquismo do ser humano em sua vida pós-natal, entende-se então que, estes registros, quando traumáticos, podem nos auxiliar na compreensão de psicopatologias de origem primitiva, ou seja, parte-se do entendimento de que quanto mais precoce a falha, falta ou trauma, mais grave será a psicopatologia. Quanto à intervenção, sugere-se a psicoterapia breve pais-bebê, pois se acredita que ela possa auxiliar nos inúmeros distúrbios que possam ocorrer no relacionamento inicial entre a tríade e no desenvolvimento emocional do bebê.

Percebe-se então a importância do trabalho do psicólogo que, através de sua escuta e olhar diferenciados, embasados na teoria e técnica psicanalítica, pode compreender essa singular forma de comunicação do feto e, posteriormente na clínica, pode fazer conexões entre a história pré e pós-natal do sujeito e seus sintomas.

Por fim, acredita-se que este estudo possa aprimorar o conhecimento de colegas da área e de profissionais que atuam na área Materno-Infantil. Sugere-se ainda a realização de novas pesquisas, principalmente no que diz respeito ao papel do pai e suas repercussões para o psiquismo, a fim de expandir e atualizar os conhecimentos existentes, já que a bibliografia encontrada aborda predominantemente a influência materna sobre o psiquismo.

Referências

- Bion, W. R. (1992). *Conversando com Bion*. Rio de Janeiro: Imago.
- Caron, N. (2000). *A relação pais-bebê: da observação à clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- De Casper, A. J., & Fifer, W. P. (1980). Of human bonding: newborns prefer their mothers voices. *Science*, 208, 1174-1176.
- De Casper, A. J., & Spence, M. J. (1986). Prenatal maternal speech influences newborns perception of speech sounds. *Infant Behavior*

- and Development*, 9, 133-150.
- Freud, S. (1972). *A Interpretação de Sonhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v.5. (Original published in 1900)
- Freud, S. (1976). *Inibição, sintoma e angústia*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. 20. (Original published in 1926)
- Gastaud, M. B. (2008). Psiquismo fetal: a teoria de Arnaldo Rascovsky sobre os núcleos arcaicos do Ego. *Contemporâneo: Psicanálise e Transdisciplinaridade*, 5, 9-28.
- Gomes, A. G., & Piccinini, C. A. (2005). A ultrassonografia obstétrica e a relação materno-fetal em situações de normalidade e anormalidade fetal. *Estudos de Psicologia*, 22(4), 381-393.
- Piccinini, C. A., Gomes, A. G., Moreira, L. E., & Lopes, R. S. (2004). Expectativas e sentimentos da gestante em relação ao seu bebê. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(3), 223-232.
- Piontelli, A. (1995). *De feto a criança: um estudo observacional e psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago.
- Prado, L. C. et al. (2008). *Psicoterapia breve pais-bebê: revisando a literatura*. Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 31(3), 1-13.
- Quayle, J. (2011). Emoções compartilhadas. *Coleção A Mente do Bebê - Revista Mente e Cérebro*, 1(3), 34-41.
- Ramos, S.W. (2004). *Formação do Cidadão: do pré-natal aos primeiros meses de vida*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Rank, O. (1966). *El trauma del nacimiento*. Buenos Aires: Paidós.
- Rascovsky, A. (1977). *El psiquismo fetal*. Buenos Aires. Paidós.
- Souza-Dias, T. G. (1996). *Considerações sobre o psiquismo do feto*. São Paulo: Escuta.
- Zenidarc, A. (2010). Psicoembriologia: um desafio precoce. *Revista Psique: Ciência & Vida*, 60, 44-53.
- Wilheim, J. (1997). *O que é psicologia pré-natal*. (2ª ed.) São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Wilheim, J. (2000). Psiquismo pré e perinatal. In N. Caron (Org.), *A relação pais-bebê: da observação à clínica* (pp.135-177). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Recebido em abril/2012
Revisado em setembro/2012
Aceito em outubro/2012